

(Artigo de Manuel Freire por ocasião da de Nelson Cardoso no S. Lourenço, Almansil; 1984)

## Nelson Cardoso, índio forçado na cidade grande

Manuel Freire

Em S. Lourenço, Almansil, até final do mês de Maio, a primeira exposição individual do escultor Nelson Cardoso. Um\* dos jovens da geração do ARCO, que depois dos Simpósios de Évora e da Batalha, das exposições colectivas, começam o seu próprio caminho.

Índios, totens, deuses, anjos, asas, mulheres, peixes, felinos... mármore branco Estremoz, verde viaria, rosa negrais, marianela... música brasileira: «procurei fazer uma experiência – ver como era a música e as esculturas na minha sala»: em consonância com as pedras, magia, mistério.

Interrogamos o tempo. As cabeças de índio, os totens dos novos tempos, o deus do vento. «O totem tem muito a ver com o dia de hoje: é como se fosse o dia-a-dia a passar; é como se fossem índios forçados a viver na cidade grande.»

' Os totens estarão mesmo na origem da sua escultura. Mostra-nos, dentro duma redoma miniatura de vidro, um totem: «comecei a ficar apaixonado pela escultura quando vi estas esculturazinhas, de um amigo».

O artesanato, o bate-chapa, puseram-lhe as mãos a mexer. «Desamassar um carro não é fácil, concorda? Aprende-se muito a trabalhar com carro de pobre, tem de se fazer muitos remendos.»

<<Imagem>>

Permanece esse trabalhar com materiais pobres: lata, arame, rede, madeira. «Aproveito o desperdício da rua. É como ressuscitar.» Máscaras: «Riso Triste», «Riso Alegre», «Sorriso Irónico»...; «Círculo do Tempo», «Tempo Parado»... Outra vez o tempo. Não é por acaso que as máscaras circundam os totens, os índios. «São trabalhos que faço durante a noite: é um outro astral. Na fábrica, é outro clima.

A fábrica são as oficinas de Pero Pinheiro, o maior centro transformador de mármore do País, postos à disposição dos alunos do ARCO para aí trabalharem. Mármore de todas as cores, que a exuberância brasileira aproveitou adequadamente. Mármore branco em «Noiva», mármore rosa em «Beijo» e em «Baiana», «Mármore verde viana em «Amazona», preto Mem Maftins em «Negra»... Muitas pessoas não resistem a acariciar os bustos, os torsos das mulheres. «A mulher é um ser muito bonito. Nunca é ideal. É como se fosse a procura desse ideal... Sim, há muita sensualidade. As pedras polidas são mesmo para pôr as mãos... é como a mulher, que está polida.»

Sensualidade que terá a ver também com gatos. Que o escultor adora. Tanto como as esculturas. Para onde os transportou já. «Eu gosto de gatos. Estão lá sossegados... estão na deles. E como eu sinto um pouco as coisas; quando não se tem de olhar para elas com olhar de adulto.»

Alegria nos olhos, ihas por trás também dor. Muito jovem, 26 anos, brinca que tem 18. «Tive uma infância lá (no Brasil), não sei se foi normal ou não.»

«Trabalho melhor coma alegria. O dia em que me levanto cantando é o dia em que estou mais criativo. Não é que não crie também com a tristeza. Mas aí é um desabafo, é-se obrigado a trabalhar uma coisa

para a pedra.» E rindo, com ironia: «é por isso que eu não gosto de me preocupar com muitas coisas; senão, não crio nada».

Lembramo-nos das asas, «Asa da Folia», «Asa Ferida»... «é como se estivesse fazendo asas para mim» – e compreendemos melhor % sinceridade com que se resumiu: «era muito tímido, ainda sou, comecei a perder o medo quando comecei a encarar a vida de frente; ou vai ou racha, percebe? ficar no meio a gente fica louco».

■ Nelson Cardoso (escultura), Centro Cultural São Lourenço, Almansil (Algarve).